

política



Repórter Brasília
Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

Correção na tabela do Simples

O deputado federal gaúcho Lucas Redecker (PSD, foto) assinou como coautor uma emenda de plenário para atualizar os limites de faturamento das micro e pequenas empresas no Simples Nacional. A proposta, encabeçada por Gilson Marques (Novo-SC), é corrigir a defasagem das faixas de tributação corroídas pela inflação. Segundo a justificativa, a falta de correção provoca o deslocamento das empresas para alíquotas superiores ou a exclusão do regime simplificado. O texto propõe aplicar um fator de reajuste direto na tabela da lei, garantindo a progressividade do sistema e evitando o aumento irreal da carga tributária.



ZECA RIBEIRO/CÂMARA DOS DEPUTADOS/JC

Atualização automática

Em movimento paralelo, a deputada Adriana Ventura (Novo-SP) apresentou outra emenda propondo uma correção mais ampla das regras. O texto - assinado também pelos gaúchos Franciane Bayer (Republicanos), Bibi Nunes (PL), Lucas Redecker (PSD) e Alceu Moreira (MDB) - argumenta que o projeto original foca apenas no teto do MEI. A iniciativa sugere elevar o limite anual da microempresa para R\$ 869,4 mil e o da empresa de pequeno porte para R\$ 8,6 milhões. "Atualizar apenas o limite do MEI comprime artificialmente a faixa da microempresa e desorganiza a escala", defende a parlamentar. O texto prevê a correção anual automática de todas as faixas pela variação do IPCA.

30 anos do Coral do Senado

Os senadores gaúchos Paulo Paim (PT) e Hamilton Mourão (Republicanos) solicitaram a realização de uma sessão especial para celebrar as três décadas de história do Coral do Senado Federal. Encabeçada por Nelsinho Trad (PSD-MS), a solenidade no plenário servirá como marco para o 1º Encontro Nacional de Corais, que ocorrerá entre 10 e 12 de novembro, em Brasília. O evento reunirá grupos de diversas partes do Brasil para promover o intercâmbio cultural.

Ação climática contra a Shell

Em uma investida jurídica inédita baseada na chamada "ciência da atribuição", o Ministério Público Federal (MPF) e o Instituto Preservar acionaram a Justiça contra a Shell, cobrando reparação financeira pelas enchentes que devastaram o Rio Grande do Sul em 2024. Os autores alegam que as emissões históricas de gases de efeito estufa da multinacional intensificaram as chuvas extremas no Estado. O processo exige mais de R\$ 270 milhões por danos morais coletivos e quantia equivalente por danos materiais. Se o pedido for julgado procedente, os recursos irão para um fundo judicial com destinação exclusiva para obras de reconstrução, prevenção de desastres e adaptação climática das comunidades gaúchas.

Desdobramento da Operação Hinterland

Comandada pela Justiça Federal de Porto Alegre, uma sentença condenou 13 pessoas por tráfico internacional de drogas e organização criminosa transnacional, com penas de 5 a 54 anos de reclusão. A decisão atende a denúncia do MPF derivada da Operação Hinterland, conduzida pelo Gaeco gaúcho. O grupo movimentou mais de 14 toneladas de cocaína e cerca de R\$ 3 bilhões entre a América do Sul e a Europa, usando Pelotas e Rio Grande como entrepostos logísticos antes do envio marítimo. O esquema contava com laboratórios na Bolívia e Colômbia, parcerias com máfias dos Bálcãs e estrutura corporativa para lavagem de dinheiro. Além de manter as prisões preventivas, a Justiça determinou o confisco de imóveis, aeronaves, veículos e valores da quadrilha.

Campanha de Flávio

Entrevista Especial



Marcus Meneghetti

marcusv@jcrs.com.br

Deputado federal mais votado do Rio Grande do Sul, Maurício Marcon (PL), acredita que a campanha do candidato à presidência da República Flávio Bolsonaro (PL) está mais propositiva que a do adversário no segundo turno das eleições, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

"É uma campanha propositiva, limpa, tranquila. Está tentando resolver os problemas do Brasil. Não teve nenhum tipo de atrito com jornalistas, não teve nenhum tipo de polêmica vazia. Na minha avaliação, não tem absolutamente nada a ser corrigido até agora", elogia Marcon.

Quanto ao primeiro turno das eleições de 2026, ele atribui o bom desempenho do seu partido a dois fatores: a reforma política aprovada em 2017 e a insatisfação com o governo federal. Na avaliação de Marcon, a reforma na legislação eleitoral diminuiu a fragmentação do campo político de direita em vários partidos. Nesse ambiente, o PL se tornou o maior partido de direita após a filiação do ex-presidente Jair Bolsonaro à legenda.

Nesta entrevista ao **Jornal do Comércio**, o deputado federal também sustenta que a insatisfação com o governo petista levou o eleitorado a buscar alternativas no campo político oposto. O resultado foi potencializado nos três estados do Sul, porque, conforme Marcon, "a Região Sul sempre se posicionou mais à direita na política".

Jornal do Comércio - O governador eleito Luciano Zucco (PL) venceu as eleições no primeiro turno com 58,05% dos votos, o que demonstra que o PL foi um dos grandes vencedores das eleições de 2026 no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e outros estados. Como avalia o desempenho do partido?

Maurício Marcon - Desde a reforma política (que aconteceu durante o governo do presidente Michel Temer, MDB, 2016-2018), o número de partidos vem dimi-

nuindo no Brasil. A direita tem se concentrado em menos partidos. O Partido Liberal (PL) é o grande partido da direita. Tem outros: o Progressistas é formado por pessoas de direita aqui no Rio Grande do Sul; o Novo também. Mas são partidos menores, em termos de tamanho. Então o que eu vejo? Essa vitória passa pela reforma política que aconteceu lá atrás, quando a gente conseguiu diminuir o número de partidos e a pulverização dos candidatos.

JC - Acredita que o PL capitalizou melhor a reforma política, entre os partidos de direita?

Marcon - A reforma foi um primeiro passo. Hoje as pessoas que votam no PL sabem que estão votando em candidatos de direita, conservadores, que representam verdadeiramente os valores e princípios delas. Obviamente, isso foi muito fortalecido após a vinda do (ex) presidente Jair Bolsonaro (PL, 2019-2022). Foi ele quem deu um selo, uma credencial de que realmente se tratava de um partido de direita e conservador.

JC - E isso se viu nas urnas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e outros estados?

Marcon - Sobre o sucesso nas urnas, a Região Sul sempre se posicionou mais à direita na política. Com exceção de Santa Catarina, houve alguns momentos em que a esquerda governou. Mas o trauma deixado pelos governos de esquerda no Rio Grande do Sul é lembrado até hoje. Atualmente, o Estado está atrás de Santa Catarina, nosso vizinho que nunca foi administrado pelo PT. Então, 20 anos atrás, éramos o farol do desenvolvimento no Sul. Hoje o Estado ficou para trás. As pessoas sentem isso no bolso, sentem na vida delas e, consequentemente, tendem a escolher

pessoas que representam a prosperidade, e não somente promessas vazias.

JC - Nos três estados do Sul, houve vitória dos candidatos de direita ao governo do Estado e no Senado...

Marcon - Realmente, a gente fez barba, cabelo e bigode nos três estados do Sul. Foram eleitos todos os senadores que estavam no nosso campo político. Da mesma forma, os deputados federais mais votados nos três estados - eu, a Júlia Zanatta (PL-SC) e o Jeffrey Chiquini (Novo-PR) - também pertencem ao nosso campo. Finalmente, os três candidatos de direita ao governo dos três estados se elegeram no primeiro turno.

JC - A que atribui isso?

Marcon - Isso é um movimento de maturidade política. Com o fim do ciclo do Lula, essa tendência vai se expandir para o resto do Brasil. Afinal, as pessoas não querem migalhas, elas querem ter a oportunidade de prosperar na vida. As pessoas cada vez mais estão cientes de que as migalhas dadas pelos governantes de esquerda e a destruição promovida por eles não são o caminho para a prosperidade.

JC - No final do primeiro turno, Zucco deu uma acelerada nas pesquisas de intenção de voto. O senhor, que participou ativamente da campanha, enxergou alguma coisa que indicasse a vitória no primeiro turno?

Marcon - Creio que o despertar do eleitor... Vimos as pessoas muito preocupadas com as suas contas, com o seu dia a dia, com os seus filhos. Uma parte considerável do eleitorado acaba decidindo na última semana em quem vai votar. Isso vale também para a disputa ao Senado, que, outro-



“As pessoas não querem migalhas, elas querem ter a oportunidade de prosperar na vida”